

PRÁTICA DOCENTE E FORMAÇÃO DISCENTE: UMA DISCUSSÃO ACERCA DA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA E CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NAS PERSPECTIVAS DE FREIRE E CURY

Janne Kely Alves de Andrade¹

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade analisar e discutir de maneira dialógica as temáticas de Paulo Freire no livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* e de Augusto Cury em *Pais brilhantes e professores fascinantes* no que diz respeito ao pensamento de ambos acerca da importância da reflexão prática docente direcionada à educação emancipadora, bem como a construção da autonomia dos estudantes. Em seus aspectos dialéticos e intertextuais, essas leituras, aliadas às suas reflexões, colaboram para o aprimoramento das práticas docente de modo diretamente relacionado ao êxito na construção do pensamento crítico do aluno como também o desenvolvimento de sua autonomia de forma que o mesmo perceba-se como protagonista de sua história. A discussão também ressaltará que tanto Paulo Freire como Augusto Cury acreditam que a constante reflexão e inovação da prática pedagógica faz com que os educadores melhor se relacionem no âmbito escolar com seu aluno de forma que, juntos, possam pensar possibilidades e caminhos para uma educação emancipadora e humanitária.

Palavras-chave: Educação; Prática docente; discente; autonomia; liberdade.

Abstract: The teaching practice and student formation: a discussion about emancipatory education and construction of autonomy in the Freire's and Cury's perspectives

The present work has the purpose of analyzing and discussing in a dialogical way the themes of Paulo Freire in *Pedagogy of autonomy: knowledge necessary to the educational practice* and Augusto Cury in *Brilliant Parents and fascinating teachers* with respect to the thought of both about the importance of practical teacher reflection aimed at emancipatory education as well as the construction of students' autonomy. In their dialectical and intertextual aspects, these readings, combined with their reflections, contribute to the improvement of teaching practices in a way that is directly related to the success in the construction of critical thinking of the student, as well as the development of their autonomy in a way that they perceive themselves as protagonists of their own story. The discussion will also emphasize that both Paulo Freire and Augusto Cury believe that the constant reflection and innovation of pedagogical practices makes educators with better relationship in the school context with their student and together they can think possibilities and strategies for an emancipatory and humanitarian education.

Keywords: Education; teaching practice; student; autonomy; freedom

¹. Licenciatura em Letras (UFCG). Professor da Rede Estadual da EEEP Deputado José Walfrido Monteiro

Resumen: Práctica docente y formación discente: una discusión acerca de la educación emancipadora y construcción de la autonomía en las perspectivas de Freire y Cury

El presente trabajo tiene por finalidad analizar y discutir de manera dialógica las temáticas de Paulo Freire em libro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* y del Augusto Cury en el Pais *brilhantes e professores fascinantes* con respeto al pensamiento de ambos acerca de la importancia de la reflexión práctica del profesor direccionada a la educación emancipadora, así como a la construcción de la autonomía de los estudiantes. En sus aspectos dialéticos e intertextuales esas lecturas añadidas a las reflexiones colaboran para el mejoramiento de las prácticas docentes de manera directamente relacionado al éxito en la construcción del pensamiento crítico del alumno así como también el desarrollo de su autonomía de manera que el mismo pueda darse cuenta como protagonista de su historia. La discusión también subrayará que sea Paulo Freire sea Augusto Cury creen que la constante reflexión e innovación de la práctica pedagógica hace con que los educadores se relacionem mejor em ámbito escolar con su alumno de forma que, juntos, puedan pensar posibilidades y caminos para una educación emancipadora y humanitaria.

Palavras-chave: Educación; Práctica docente; discente; autonomía e; libertad.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade realizar uma discussão sobre práticas educativas e a função das mesmas para a formação integral de jovens autônomos e críticos. Tem como base para a discussão as obras: *Pais brilhantes e professores fascinantes* – *A educação inteligente: formando jovens pensadores e felizes* de Augusto Cury e *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* de Paulo Freire.

Vivemos em uma sociedade onde a educação tem se tornado a cada dia um desafio. Manter os jovens motivados para aprender e atraí-los é uma tarefa que requer constante reflexão e aprimoramento. Dar voz aos estudantes, saber de seus desejos e anseios, suas necessidades reais são alternativas para que os mesmos sintam-se importantes e parte indispensável do processo educacional e de transformação da realidade. Tal reflexão se faz necessária, urgente e constante, uma vez que os problemas em torno de nossa juventude são cada vez mais gritantes e preocupantes. A escola sente-se incapaz, a família muitas vezes desiste e os professores sentem-se despreparados e frustrados diante da pouca eficácia de suas práticas.

A presente reflexão partirá do princípio analítico-reflexivo e comparativo, na relação da proximidade do pensamento de ambos autores, suas teses e saberes acerca de caminhos para melhorar a relação no âmbito escolar, social e familiar entre jovens, pais e educadores. Adiante desenvolveremos análises com base nos seguintes tópicos: a relação necessária entre docente e discente, a beleza na prática pedagógica, a sala de aula como um espaço para partilhar e construir novos saberes, educar para a autonomia e liberdade e o docente e sua perspectiva com a prática educacional.

2. A RELAÇÃO NECESSÁRIA ENTRE DOCENTE E DISCENTE

Falar em autonomia é falar de pessoas líderes de si e de suas emoções. Capazes de realizar transformações em si e nos outros. Pois que, emancipação remete à liberdade dos sujeitos que leva à liberdade social. A diminuição das desigualdades, das injustiças, das ditaduras, da opressão. Essas características são indispensáveis para a tão almejada mudança do contexto atual de alienação.

Paulo Freire (1996, p. 21) afirma que “não há docência sem discência.” Desse modo, ele nos leva a, antes de tudo, refletir sobre a importância dos estudantes para realizarmos a nossa profissão e dar sentido a ela. Nesse aspecto, entendemos que, à medida que ensinamos, estamos também aprendendo, aprimorando os nossos horizontes, aperfeiçoando nossa prática, crescendo junto com o alunado, tanto pessoal como profissionalmente, pois: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p.23).

Não podemos mais conceber uma prática docente na qual o professor é o detentor do saber e apenas irá transmitir o mesmo para os alunos. Se compreendermos o quão valiosa é a colaboração dos alunos para nossas práticas, mais teremos êxito em nossas vivências pedagógicas, pois que

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção. Se na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como paciente que recebe os conhecimentos – conteúdos – acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. (FREIRE, 1996, p. 22).

Nesse aspecto consideramos que, quando o discente sente-se parte integrante do processo ensino/aprendizagem, ele se engajará nessa construção de saberes com mais afinco e determinação, valorizando cada conquista e deslumbrando cada etapa de sua caminhada da qual é protagonista. Sobre esse fato Freire (1996, p. 24) diz que “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.”

Em seu prefácio, Cury (2013, p. 7) diz que “educar é praticar a mais bela e complexa arte da existência, é semear com sabedoria e colher com paciência.” Assim, o autor comunga do pensamento do educador quando ressalta que deve haver “boniteza” nesse processo. “É ser garimpeiro que procura os

tesouros do coração (...) Essa é a meta de todos os educadores que procuram a excelência, que buscam conhecer o funcionamento da mente, que estimulam nos jovens a arte de pensar, observar e interiorizar.” (CURY, 2013, p. 7).

Como educadores do século XXI, devemos resgatar a arte de pensar em meio a um turbilhão de informações, a mecanização dos saberes, que tem tornado as pessoas meros reprodutores de informações e, dessa forma, diminuindo cada vez mais a sua criticidade e humanidade. Cury (2013, p.7) alerta que “pais e professores que são cheios de regras e excessivamente lógicos estão aptos a operar máquinas mas não a orientar seres humanos.”

Nessa vertente Freire (1996, p.25) afirma que “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando de “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento.” Esse pensamento de Freire nos faz refletir sobre o quão a aprendizagem se torna significativa e instigante para o aluno quando ele se sente parte importante desse processo, percebe que seus questionamentos e hipóteses são de fato mecanismos para o estudo eficiente. O autor atenta que não é só o que o professor diz. “Implica o compromisso do educador com a consciência crítica do educando.” (FREIRE, 1996, p. 29).

É fundamental também ressaltar a importância do professor valorizar os saberes e costumes dos estudantes para garantir a contextualização dos saberes. Com relação à essa valorização, Freire (1996, p. 30) afirma que

“não só o professor, mas amplamente a escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos chegam a ela”... saberes socialmente construídos na prática comunitária... discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino do conteúdo.”

Desse modo, compreendemos e ratificamos que se aprende mais e melhor aquilo que faz sentido nas práticas e vivências do alunado e se relacionam com seus costumes. “Educar é penetrar no mundo do outro.” (CURY, 2013, p.16).

3. A BELEZA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Há que se encontrar no meio de tantos desafios na educação a beleza de ser educador e de participar da formação do outro, fazendo-o aprimorar sua capacidade de pensar e aguçar sua curiosidade para o saber. Freire (1996, p. 33) nos diz “que a necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado da estética. Docência e boniteza de mãos dadas.”

Como educadores estamos sempre buscando a perfeição, para melhor trabalhar os conteúdos com os nossos alunos. Cury (2013, p. 20) diz que “nossos filhos não precisam de gigantes, precisam de seres humanos.” Trazendo para o contexto escolar, poderíamos inferir que os nossos discentes não precisam de docentes que apenas dominam sua matéria de forma impecável, mas, sim de professores que trabalhem valores humanos, que reconheçam o seu valor e de seu alunado.

Não se pode mecanizar a educação, os saberes, se de fato quisermos formar cidadãos. “É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o caráter formador.” FREIRE (1996, p. 33). Sobre essa reflexão, podemos observar que esse distanciamento de práticas escolares e vida gera nos jovens sentimentos de angústia, insegurança. De tanto serem mecanizados e cobrados, podem até aprender ou decorar uma regra ou fórmula matemática, mas tem dificuldade de tomar decisões e gerenciar emoções. Portanto, “ensine os jovens a proteger sua emoção. Tudo que atinge frontalmente a emoção atinge drasticamente a memória e constitui a personalidade”. (CURY, 2013, P. 23).

Por isso, é fundamental que, na prática docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 2013, p. 38-39).

Inferimos que só por meio da revisão constante da prática docente se pode construir uma docência eficiente, mas não só isso, é preciso saber lidar com as emoções e interesses dos jovens, de forma a buscar construir saberes significativos e formar pessoas emocionalmente maleáveis. Sobre esse fato, Cury diz:

Bons professores têm uma boa cultura e transmitem com segurança e eloquência as informações em sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. Para eles, cada aluno não é mais um número na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares. (CURY, 2013, p.42).

O aprimoramento da prática está intrinsecamente ligado ao cuidado em observar os comportamentos e características do alunato para a partir dessa criar novos caminhos para solucionar os desafios diários em sala de aula. Sobre essa observação, Freire (2009, p. 39) fala que:

“na formação permanente dos professores o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. Sem essa auto avaliação constante não se pode alcançar melhores resultados. É pensando criticamente a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE 2009, p. 39).

4. A SALA DE AULA COMO UM ESPAÇO PARA PARTILHAR E CONSTRUIR NOVOS SABERES

Não se pode conceber entre professores do século XXI a vã crença de ser detentor do saber absoluto e de verdades inquestionáveis. As indagações e curiosidades levam ao novo, constroem saberes diversos e inéditos capazes de revolucionar a sociedade. Paulo Freire destaca que ensinar não é transferir conhecimento:

Quando entro na sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE 2009, p. 47).

Comungando desse pensamento, Cury (2013)

escreve que o primeiro hábito de um professor fascinante deve ser buscar entender a mente do aluno e procurar respostas incomuns, diferentes daquelas a que o jovem está acostumado, encantar e entusiasmar o mesmo através da partilha de experiências, de modo que sintam-se parte no processo ensino aprendizagem. “Bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas, professores fascinantes também o cumprem, mas seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores, e não repetidores de informação.” (CURY 2013, p.53)

Paulo Freire (2009) nos alerta para a radical consciência do inacabamento, pois como seres culturais e sociais que somos devemos saber de nossa constante busca por inovações e transformações. Só assim evoluímos nessa jornada inacabável e por vezes complexa. Como agentes das metamorfoses, também devemos ter ciência de que os obstáculos não se eternizam e nós não só podemos, como devemos superá-los. “A inconclusão faz parte da natureza do fenômeno vital.” (FREIRE, 2009, p.55).

Essa consciência de inacabados nos mantém na caminhada em busca de formação humana e profissional. Encoraja-nos a protagonizarmos nossas histórias como sujeitos da educação.

5. EDUCAR PARA A AUTONOMIA E LIBERDADE

Augusto Cury (2013, p. 60) nos fala que “um bom professor educa seus alunos para uma profissão, um professor fascinante os educa para a vida”. Pois dessa forma fazem com que seus alunos desenvolvam um pensamento crítico e possam atuar diretamente como cidadãos para não serem facilmente manipulados. “Num mundo de incertezas, eles sabem o que querem.” (CURY, 2013, p. 61).

Os professores fascinantes são promotores de autoestima. Dão uma atenção especial aos alunos desprezados, tímidos e que recebem apelidos pejorativos. Sabem que eles podem ser encarcerados por seus traumas. Por isso, estendem a sua mão e mostram-lhes sua capacidade interior. Estimulam-

nos a usar a dor como adubo para seu crescimento. Desse modo, eles prosperam para sobreviver às tormentas sociais. (CURY, 2013, p. 61).

Para o autor é preciso proporcionar ao jovem o contato com novas experiências de modo que o crescimento intelectual ocorra paralelo ao conhecimento de si próprio. Que é fundamental preparar o aluno para o desconhecido bem como saber lidar com as falhas e sempre se darem uma nova chance quando essa ocorrer. “Leve os jovens a ter flexibilidade no trabalho e na vida, pois só não muda de ideia quem não é capaz de produzi-la”. Segundo Cury (2013, p. 62) “Se não reconstruirmos a educação, as sociedades modernas se tornarão um grande hospital psiquiátrico. As estatísticas estão demonstrando que o normal é ser estressado e o anormal é ser saudável.”

Sobre a construção de autonomia, Freire (2009, p. 61) diz que “a boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar.” Como professor devo saber que não posso desrespeitar a curiosidade dos meus alunos, a sua linguagem. Para o autor, o professor autoritário, que diz: “ponha-se em seu lugar”, afoga a liberdade do educando, tirando seu direito de estar curioso e inquieto, de ser questionador e crítico. “Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente comeste saber.” (FREIRE, 2009, p. 61).

É urgente ensinar para a transformação da sociedade através dos comportamentos dos nossos jovens, sobretudo valorizando sua autonomia e emancipação. Augusto Cury (2013, p.87) diz que a educação emancipa, forma mentes livres e não robotizadas e controladas pelo consumismo, pela paranoia da estética, pela opinião dos outros.

Sobre a educação para a liberdade, é preciso que estimulemos o senso crítico de nossos alunos, que o encorajemos a lutar pelas causas sociais e posicionem-se frente à opressão e à alienação. Augusto Cury (2003, p. 90) alerta-nos: “a melhor maneira de produzir pessoas que não pensam é nutri-las com um conhecimento sem vida. Esse tipo de educação não provoca a arte de pensar”. Em seu livro “O código da inteligência” o autor reafirma:

Se o aluno não aprende a questionar a seu professor o conhecimento que lhe é transmitido e nem muito menos, quem o produziu e como produziu, terá grandes chances de se tornar um mero repetidor de ideias... não saberá transformar informações em conhecimento, conhecimento em experiência e experiência em sabedoria. A escola clássica deveria incentivar a rebeldia saudável e não a submissão. A inquietação e não o conformismo, a participação e não a quietude, a construção e não a servidão. (CURY, 2008, p. 126).

Eis que se faz necessária essa urgente transformação de práticas para a formação de sujeitos livres e autônomos que não sejam mecanizados e padronizados num modelo de fácil manipulação. Podemos citar Huxley (2014, p. 11) “essa revolução verdadeiramente revolucionária deverá ser realizada, não no mundo exterior, mas sim na alma e na carne dos seres humanos.” Nesse sentido, percebemos a urgência de trabalharmos além dos conteúdos programáticos para de fato formarmos cidadãos libertos e revolucionários. Sobre a dificuldade em formar para essa revolução, Augusto afirma que

A educação moderna está em crise porque não é humanizada, separa o pensador, do conhecimento, o professor, da matéria, o aluno, da escola, enfim, separa o sujeito do objeto. Ela tem gerado jovens lógicos que sabem lidar com números e máquinas, mas não com dificuldades, conflitos, contradições e desafios. Por isso, raramente produz executivos e profissionais excelentes, pessoas que saem da mesmice e fazem a diferença. (CURY, 2003, p. 93).

Quando não se desenvolve a arte de pensar, de questionar de criticar de forma a construir o novo, começa a desencadear um processo de alienação e servidão gerado pelo conformismo. “O problema de fazer com que as pessoas amem a servidão.” (HUXLEY, 2014, p.15).

Para Cury (2003, p. 100), “...precisamos de jovens que façam a diferença no mundo, que proponham mudanças, que resgatem seu sentido existencial e o sentido das coisas.” Só teremos esses jovens se de fato acreditarmos que essa mudança no cenário educacional se faz possível, mas só acreditar não basta, temos que ser essa mudança. Enquanto educadores e formadores é nossa missão alertar essa juventude, entusiasma-los, caminhar lado a

lado rumo ao maior objetivo da educação quer seja libertar e emancipar os sujeitos envolvidos no processo.

6. O DOCENTE E SUA PERSPECTIVA COM A PRÁTICA EDUCACIONAL

O docente deve, antes de qualquer coisa, compreender a dimensão transformadora do seu trabalho. As possibilidades de mudança que podem ocasionar na realidade e nos projetos de vida de seus alunos. Sobre essa responsabilidade intrínseca à essa tarefa de lecionar, Freire (2009) afirma que o professor deve assumir suas convicções, disponível ao saber, sensível as questões emocionais e sociais dos alunos bem como a reflexão da prática educativa e quando necessário assumir suas limitações bem como o esforço em superar essas. “Como educador preciso de ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo dos grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte.” (FREIRE, 2009, p.81).

Como professores, devemos compreender a importância dessas leituras como caminho para aprimorar nosso trabalho com os educandos. Conhecer o outro e reconhecer a mim e a ele como sujeitos em construção que, como diria Freire (2009): “ao ensinar posso aprender e aprendendo de repente estarei ensinando.”

“Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo e nem ensino”. (FREIRE, 2009, p.85).

Essa curiosidade e busca constante pelo aprimoramento dos saberes e desenvolvimento profissional e pessoal enquanto docentes contribuem para que os alunos também o façam em suas vivências, baseados no exemplo de seus educadores que os inspiram e motivam. Para Freire (2009, p.92), o exercício de curiosidade convoca a imaginação, a capacidade de conjecturar, de comparar, e nesse âmbito produzir novos saberes, pois

“O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar a altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica.”

Nesse contexto, compreendemos a relevância de uma prática em constante processo de transformações, adaptações e renovações, uma vez que temos que – como profissionais da educação – acompanhar as mudanças da sociedade e do público com o trabalhamos, atendendo assim suas expectativas e anseios. Dessa maneira também se tornam mais eficientes as relações docente/discente no âmbito escolar, pois, para Freire (2009), outra qualidade indispensável à autoridade em suas relações com as liberdades é a generosidade. “Não há nada que mais inferiorize a tarefa da autoridade do que a mesquinhez com que se comporte.” (FREIRE, 2009, p. 92).

Para Freire esse clima de respeito em que autoridade e liberdade dos alunos se assumem, autentica o caráter formador do espaço pedagógico. Enquanto formador, devo estar ciente da importância da liberdade dos educandos. Para tanto é imprescindível observar que “a autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.” (FREIRE, 2009, p. 93).

Tanto Cury quanto Freire vem nos falar em seus livros Pais brilhantes e professores fascinantes (2013) e Pedagogia da autonomia (2009) que ensinar exige de nós professores que escutemos os nossos jovens, para melhor dialogarmos com eles. Nos nossos discursos, devemos deixar claro que acreditamos nas mudanças através da educação. “É escutando que aprendemos a falar com eles.” (FREIRE, 2009, P.113). Esse pensamento pode ser complementado por Cury (2013, p.99) quando diz que “precisamos qualificar nossos filhos e alunos, eles devem se sentir importantes na escola.”

7. CONSIDERAÇÕES

Acreditamos ser essa uma discussão muito válida para o âmbito educacional, uma vez que analisamos as perspectivas de dois grandes pensadores da educação. Paulo Freire foi o mais célebre educador brasileiro com atuação e reconhecimento internacional. As ideias aqui discutidas partiram da premissa de valorizar o educando e seus conhecimentos.

Neste aspecto, tanto Paulo Freire quanto Augusto Cury defendem a educação baseada na valorização das vivências dos educandos, de sua história de vida e conhecimentos com os quais chegam à escola. Através da leitura e análise de Pedagogia da autonomia, percebemos claramente a tese do autor de que é possível transformar através da educação no que remete à formação para autonomia e cidadania, O livro respalda a importância da constante formação docente para uma prática formadora e transformadora. “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança.” (FREIRE, 2009, p. 143).

Freire preconizava a educação libertadora para a construção de uma nova sociedade, em que a opressão fosse diminuída e a humanidade fosse resgatada. Nesse sentido a acredita que a prática educativa colabora diretamente para essa manifestação da criticidade e da busca por condições não discriminatórias dos sujeitos. Nosso interesse em realizar essa reflexão diz respeito a enfatizar essa prática libertadora e libertária, bem como ressaltar a presença necessária da alegria nesse processo complexo e transitório.

Assim, acreditamos que a constante análise das condições em que se dão os processos de aprendizagem, combinada com a renovação das nossas práticas docentes e metodologias, se faz necessária; haja vista a indubitável transformação educacional. Faz com que não fiquemos parados no tempo em uma sociedade que está em constante mudança e uma juventude cheia de novos anseios e inquietações. Nesse caminhar, consideramos que a

nossa análise sobre esses dois renomados e já mencionados pensadores seja uma constante na nossa jornada rumo a uma educação humanizadora e emancipadora. É válido também que esta discussão possa sugerir a continuidade de novas reflexões sobre tais questões nesse vasto e infinito

campo da educação sabendo da imensurável capacidade de ação dos sujeitos envolvidos, quer sejam docentes, discente e gestores.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, Professores fascinantes – A educação inteligente: formando jovens pensadores e felizes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

_____. **O código da inteligência: a formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERRARI, Márcio. **Paulo Freire, o mentor da educação para a consciência** (online). Revista Nova Escola. 2008. Disponível em URL:<http://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>. acesso em: 19/10/2016.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2a ed.; São Paulo: Scipione, 1991.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 22ª Ed. ; São Paulo: Globo, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.